

O Negro nos museus da Amazônia¹

NAPÓLEÃO FIGUEIREDO †

Resumo — A Amazônia nunca possuiu uma tradição voltada para os estudos africanistas, entretanto, é depositária de dois importantes acervos museológicos: um referente aos Cultos Afro-Brasileiros existentes em Belém (PA) e pertencentes ao Laboratório de Etnologia do Departamento de História e Antropologia, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, com 623 peças e resultante de Projetos de Pesquisa desenvolvidos por Professores daquela Universidade (Coleções: Figueiredo, Napoleão: 1972, 1974, 1976, 1981; Figueiredo, Napoleão & Vergolino e Silva, Anaíza: 1967 e Vergolino e Silva, Anaíza & Figueiredo, Napoleão: 1970, 1975). A outra, é a coleção Andrade, José Julio de: 1887-1904, depositada no Departamento de Ciências Humanas do Museu Paraense Emílio Goeldi, constituída por 592 peças produzidas por grupos que habitavam locais nas atuais República da Guiné-Bissau; República Democrática do Sudão; República do Zaire; República do Zimbábue; República Gabonesa; República Popular de Angola e República Popular do Congo. Essa coleção foi adquirida de um particular na Ilha da Madeira, no começo do Século pelo Cel. José Julio de Andrade, político paraense da Primeira República e por ele ofertada ao então Interventor Federal do Pará, Major Joaquim de Magalhães Cardoso Barata, que posteriormente a doou ao Museu. Esses acervos foram objeto de exposições Temáticas Temporárias promovidas pelas instituições a que pertencem, em Belém, em outros Estados da Federação e mesmo no Exterior, publicando-se das mesmas os respectivos catálogos. Dessas coleções, apenas a Coleção Africana no Museu Goeldi foi estudada em profundidade.

PALAVRAS-CHAVE: Coleções científicas, Objetos Cerimoniais, Esculturas, Tecelagem, Cestaria e Armaria.

Abstract — Amazonian tradition has never been oriented towards African studies, however, it holds two important museological collections: one which refers to the Afro-Brazilian cults existing in Belém (PA) and belonging to the Ethnology Laboratory of the Department of History and Anthropology of the Human Sciences and Philosophy Center at the Federal University of Pará; which 623 pieces and resulted from research projects developed by professors of the university (Collections: Figueiredo, Napoleão: 1972, 1974, 1976, 1981; Figueiredo, Napoleão and Vergolino e Silva, Anaíza: 1967 and Vergolino e Silva, Anaíza and Figueiredo, Napoleão: 1970, 1975). In addition, there is the Andrade collection, José Julio de: 1887-1904, deposited at the Department of Human Science at the Museu Paraense Emílio Goeldi, which 592 pieces were produced by groups that inhabited places which presently correspond to the Republic of Guinea-Bissau, Sudan, Zaire, Zimbabwe, Gabon, Angola and Congo. This collection was acquired from a private owner at the Madeira island in the early 1900's by Colonel José Julio de Andrade, a Paraense politician of the First Republic, and offered by him to the Interventor of the State of Pará, Major Joaquim de Magalhães Cardoso Barata, in 1933, who later donated the collection to the Museum. Such holding have the focus of thematic exhibits on both institutions in Belém and other states of the country as well as abroad. Catalogs of these exhibits have been published. Only the African collection held at Museu Goeldi has been studied in depth.

KEY WORDS: Scientif collections, Cerimonial object, Sculpture, Weaving, Basketry, Armary.

A Amazônia nunca possuiu uma tradição de estudos africanistas e poderíamos mesmo afirmar que a figura do próprio Homem Amazônico é uma ausência enquanto questão, para a intelectualidade viajante ou local. Mesmo sem qualquer rigor analítico, arriscaríamos afirmar que os intelectuais que escrevem sobre a região, sobretudo no final do século passado, sempre estiveram mais interessados e preocupados com o conhecimento da natureza da pla-

nicie amazônica, especialmente sua fauna e flora. Da vastíssima bibliografia levantada sobre a Amazônia, constatamos com raras exceções que o Homem — Índio, Branco, Negro ou Mestiço — é apenas um dos elementos que compõem a paisagem do meio ambiente, o que configura a Amazônia como um objeto de investigação mais natural do que cultural.

No que diz respeito à presença africana, a lacuna está informada por dois pressupostos históricos: a ideia de que o tráfico negro para a região amazônica fora praticamente inexistente, uma vez que o ciclo das “drogas do sertão” se fizera sustentado pela mão-de-obra indígena; e a ideia de que esse reduzido número de escravos introduzidos na região, teria sido oriundo do atual Estado do Maranhão, onde se desenvolvia, à época, a cultura do algodão.

Até certo ponto, essa lacuna reflete a orientação da Historiografia Brasileira, que nunca levou em consideração as peculiaridades econômicas da Amazônia, quais sejam: o empreendimento agrário que ocorreu na região no decorrer do século XVIII, quando se desenvolveu na área as lavouras da cana-de-açúcar, do arroz, do cacau, bem como trabalhos de mineração, nos quais a presença da mão-de-obra africana foi fundamental; ou ainda que tenta explicar tais empresas à luz de modelos traçados a partir da sociedade escravocrata açucareira do Nordeste e, nesse sentido, a partir do momento em que a Amazônia não se organiza e nem se enquadra no esquema do “plantation” açucareiro nordestino, passa a ser tema pouco considerado e a bibliografia torna-se escassa, quando comparada ao volume do que foi produzido sobre o Negro em outras partes do país, não apenas no campo particular das religiões afro-brasileiras, mas também no campo da Sociologia, da Política, da História e demais áreas das Ciências Humanas.

Em se tratando das religiões afro-brasileiras, o discurso africanista que vai sendo construído desde o início do século, ou não incorpora de imediato a Amazônia, ou a ela se refere apenas tangencialmente. É somente com Bastide [1960] e Carneiro [1964] ao tratarem da “geografia” das “áreas de culto africanas” no Brasil, que a Amazônia começa a ser objeto de pesquisa, porém o discurso de ambos sobre a região, vai se caracterizar pela duplicidade da “inclusão científica” e da “exclusão ideológica” referida por Copans [1974] ao analisar as origens da Antropologia, quando chama a atenção para o caráter de duplicidade do discurso antropológico durante a sua época clássica, dizendo que essa ciência, repete a atitude do mundo grego em relação aos “não gregos”, os “outros” ou ainda “os bárbaros”. Estes, ainda que excluídos ideologicamente do mundo grego, eram no entanto objeto de suas investigações, onde a preocupação era a de conhecê-los, para se demonstrar em que medida eles eram os “outros”.

Em Bastide a duplicidade se constrói a partir do momento em que ele toma a Amazônia como objeto de sua investigação (inclusão científica), para a seguir, descartar a existência de uma “religião africana” na região (exclusão ideológica), pois para ele o que predomina na região é o “catimbó”, um corpo doutrinário e ritualístico que representa o produto de uma tradição indígena — a pajelança — esta porém já degenerada, à qual se soma uma tradição africana — Bantu — implicitamente descrita por ele, como “inferior” à tradição Nagô.

À primeira vista, divergindo de Bastide, Carneiro não só toma a Amazônia como objeto de sua pesquisa (inclusão científica) como ainda vai tentar demonstrar em que medida, os cultos de Belém e Manaus são “africanos”. Mas, a partir do momento em que “ser africano” também implica ter como referência o modelo Nagô, o seu discurso sobre os cultos regionais, reveste-se igualmente da mesma duplicidade ideológica que encontramos no discurso de Bastide.

O que significa dar ênfase e valorizar o modelo Nagô, ou seja, do Candomblé baiano de origem africana “pura”, já foi tratado por Dantas [1982] quando mostra as implicações político-ideológicas dos discursos de Bastide, Carneiro, e outros africanistas. Na sua argumentação ela nos mostra o quanto da valorização da África mítica — a qual reflete uma aliança entre os produtores da cultura e os intelectuais — é uma articulação política de um lado, partindo do processo de refazer a identidade do Negro no momento em que a ele se estende o estatuto jurídico do cidadão; e de outro, uma articulação com as ideologias regionalistas e nacionalistas da época, pois os elementos da cultura negra são transformados em símbolos que passam a distinguir não apenas uma região — O Nordeste — mas um país — O Brasil — do resto do mundo.

Deste modo podemos entender a ausência da Amazônia na Bibliografia Africanista, também por ordem ideológica. A lacuna estaria assim, na razão direta da pouca ou nenhuma “africanidade” da região, pois no momento em que a Amazônia é percebida como área cultu-

ral marcadamente indígena, ela deixa de ser objeto de estudo, porque não é o melhor centro fornecedor de símbolos que ajudem a legitimar os interesses político-ideológicos dos discursos científicos dos intelectuais africanistas da época.

É evidente que o tráfico de negros para a Amazônia foi bem menos intenso que aquele ocorrido para a Bahia ou para o Maranhão, mas a questão que está em jogo, não é a de se comprovar que a Amazônia, enquanto região cultural, é tão ou mais “africana” que o Nordeste Agrário do Litoral, descrito por Diégues Junior [1963] e sim a de duvidar do “vazio africano”, que foi atribuído à região.

Sob esse aspecto é curioso observar que, no momento em que o discurso sobre esse “vazio” é produzido, estão circulando os primeiros trabalhos que começam a comprovar a maior presença de Negros na Amazônia e, que são dois ensaios do etnólogo maranhense Pereira [1949; 1952]. Em data posterior, circula também o ensaio do historiador Reis [1961], onde o autor mostra que a presença do Negro na região não fora tão reduzida e que também revela novos dados sobre a importação de escravos negros feita por estrangeiros (ingleses) que destinavam esses escravos ao plantio da cana e à fabricação de rum.

Após esses importantes trabalhos pioneiros vamos encontrar os anos 60 como um marco nos estudos sobre a presença africana na Amazônia, particularmente no Pará. Isto porque é nessa época que circulam três importantes obras que vão permitir uma visão mais panorâmica da presença do Negro na região, visão que até então não possuíamos.

Queremos nos referir aos trabalhos de Marcos Carneiro de Mendonça — A Amazônia na Época Pombalina, editado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o de Manuel Nunes Dias — Fomento e Mercantilismo — A Companhia Geral do Grão Pará e Maranhão (1755-1778), publicado parceladamente na década de 60 pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e pela Universidade de São Paulo, e posteriormente pela Universidade Federal do Pará.

Enquanto esses estudos estavam sendo desenvolvidos pelos historiadores brasileiros, o etnólogo português António Carreira, quando realizava pesquisa no Arquivo Histórico Ultramarino e no Arquivo Histórico do Ministério das Finanças em Lisboa, Portugal, sobre a tecelagem de Cabo Verde e da Guiné Portuguesa, e as implicações resultantes da utilização de panos de algodão no tráfico de escravos, encontrava, nesses arquivos, vultosa e importante documentação relativa ao movimento de gêneros, mercadorias e escravos da costa africana e ao comércio intercontinental Brasil-Portugal.

Após concluir a pesquisa sobre a Panaria Cabo-Verdeana-Guineense, aquele cientista voltou-se para o estudo da documentação descoberta, relativa à ação das Companhias Pombalinas de Navegação que mais influência exerceram na vida portuguesa da época, quer nos aspectos econômico-financeiros, quer nos político-sociais.

O grande mérito desse trabalho de Carreira [1969] é traduzido pela revelação de uma documentação inédita que vai permitir avaliar a importância e a relevância da volumosa massa de trabalhadores da região nordestina; a intensificação da colheita das “drogas do sertão”; a experiência de novas culturas; o desenvolvimento da criação do gado e o aproveitamento de seus subprodutos; a instalação de engenhos e descasques de arroz, etc.

Mas, será o livro — O Negro no Pará sob o regime da escravidão — de Salles [1971] que se tornará o mais relevante, não só porque o autor realiza pesquisas em fontes primárias, muitas das quais até então inéditas, mas também porque, incursiona pela História Social do Negro, o que lhe obriga a reunir e sistematizar, virtualmente, tudo aquilo que se encontrava publicado, de forma dispersa, sobre o Negro, na Sociedade Escravocrata do Pará.

Outros trabalhos como os de Vergolino e Silva [1968; 1971; 1985], Figueiredo [1976] e mais recentemente de Vergolino Henry & Figueiredo [1988], igualmente abordam o problema da escravidão africana na Amazônia colonial.

Terminado o tráfico, à proporção que o tempo se estende e a escravaria ganha igualmente tempo para sobreviver, as mudanças sócio-culturais ocorridas sucessivamente com o advento das Leis do Ventre Livre e dos Septagenários e, finalmente, com a Abolição, os descendentes desses escravos começam a participar lentamente de uma sociedade estratificada, formando a base de uma pirâmide social, misturados com mestiços de todos os matizes, fossem mamelucos ou curibocas, constituindo o proletariado urbano e rural do Brasil atual.

Todos os valores que eram portadores foram perdidos, pois apesar dos elementos culturais que se mesclaram e onde muitos sofreram processos de adaptação e mudança, em tempo

algun, o português colonizador, abriu mão dos padrões básicos de que era portador: a língua, a religião, as instituições políticas, administrativas, sociais e morais, a organização social, a maneira de construção de vilas e povoados, a arquitetura (civil, militar ou religiosa), a vida em família e o espírito tradicionalista.

Para tipificar o que restou desses valores, teríamos, evidentemente, que partir da análise dos padrões culturais de que eram portadores esses elementos oriundos de um cadinho cultural como é a África, com uma diversidade de culturas, difíceis de serem determinadas, pois muitas vezes, ou quase sempre, os padrões culturais de que eram portadores os escravos importados, não coincidiam com os existentes nas áreas dos portos de embarque dos mesmos com destino ao Brasil.

Mesmo adotando-se um modelo teórico como o proposto por Ribeiro [1972], de classificação da cultura por níveis operacionais, veremos ser simplesmente impossível realizar essa análise.

Incorporado compulsoriamente a uma sociedade que emergia, o negro africano teve que se adaptar às condições impostas pelo escravizador. Do nível adaptativo nada restou; o associativo lhe foi imposto, pois como afirma Harris [1967] “quando os seres humanos tem o poder, a oportunidade e a necessidade, se unem com elementos do sexo oposto, sem considerar a cor da pele ou a identidade do avô. Sempre que a procriação livre numa população de seres humanos é restrita, é porque um sistema maior se encontra ameaçado por semelhante liberdade”.

Quanto ao nível ideológico, é ainda Harris que nos explica que “o efeito do — plantation — sobre a sobrevivência dos elementos religiosos é de interesse todo especial... Uma vez que os cultos africanos constavam de danças rítmicas, de música e de cantorias em suas fases públicas, é provável, que os senhores de engenho não apenas permitissem como, até encorajassem esses vestígios africanos. Certamente, quando trabalhavam no campo podiam os escravos cantar e marcar o ritmo, mantendo a produção de trabalho. Ao cair da noite, a dança com o acompanhamento de tambores era permitida e encorajada como diversão, que ajudava a levantar a moral dos escravos. Enquanto os escravos faziam tentativas de associar o panteão africano com o panteão católico, seus senhores não ficaram particularmente interessados em tais atividades pagãs...”

Desta forma, ao pesquisador, restou apenas a religião como instrumento de trabalho e os objetos utilizados nessas cerimônias são o resíduo cultural que vamos encontrar depositado nos Museus Brasileiros.

É quase desconhecido para o mundo científico, o volume de coleções afro-brasileiras (equipamento religioso) e africanas, depositadas em Museus, Instituições de Pesquisa e Coleções Particulares no Brasil.

Das primeiras, destacam-se as coleções existentes no Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas e Museu Théo Brandão, da Universidade Federal de Alagoas (Alagoas); no Museu Edison Carneiro, do Instituto Nacional de Folclore (Rio de Janeiro); no Museu de Folclore, da Escola de Folclore (São Paulo); no Instituto Histórico e Geográfico da Bahia (Bahia); no Museu do Estado de Pernambuco e no Museu da Fundação Joaquim Nabuco (Pernambuco); no Laboratório de Etnologia da Universidade Federal do Pará (Pará) existindo igualmente outras menores. Algumas dessas coleções foram estudadas por Valladares [1969], Duarte [1974] e Lody [1983b, 1985a, 1985b, 1987], enquanto as outras apenas integram catálogos ou relações de acervo das competentes reservas técnicas.

Quanto às Coleções Africanas, essas são em número menor e as publicações são mais raras, destacando-se as de Hilbert [1961], Figueiredo [1979], Olinto [1982], Lody [1983a], Figueiredo [1984] e Figueiredo & Rodrigues [1984, 1987].

Na Amazônia, mais precisamente na cidade de Belém, Estado do Pará, estão depositadas duas dessas coleções: uma referente aos Cultos Afro-Brasileiros existentes em Belém (PA) e pertencente ao Laboratório de Etnologia do Departamento de História e Antropologia, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, com 623 peças, e resultante de pesquisas desenvolvidas por professores daquela Universidade Figueiredo [1981]):

COLEÇÃO FIGUEIREDO, NAPOLEÃO

Segmento de população urbana (1972)
Segmento de população urbana (1974)
Segmento de população urbana (1976)

Ns. de Tombo
1259 a 1268
1269 a 1276
1323 a 1324

	Ns. de tombo
Segmento de população urbana (1977)	1325 a 1416
Segmento de população urbana (1981)	1453 a 1512
COLEÇÃO FIGUEIREDO, NAPOLEÃO & VERGOLINO E SILVA, ANAÍZA	
Segmento de população urbana (1967)	330 a 700
Segmento de população urbana (1967)	947 a 981
COLEÇÃO VERGOLINO E SILVA & FIGUEIREDO, NAPOLEÃO	
Segmento de população urbana (1970)	1160 a 1195
Segmento de população urbana (1975)	1307 a 1322

Integram as coleções da Universidade Federal do Pará, os mais diversos objetos — indumentárias, instrumentos musicais, objetos cerimoniais, banhos e defumações rituais, guias, espadas e as alfaias utilizadas pelos pais e mães-de-santo e pajés, nos complexos cerimoniais desses experimentos da religiosidade popular amazônica com incidência em Belém (o Nagô, a Jurema, a Umbanda e suas variantes), praticadas nas casas integrantes da Federação Espírita Umbandista e dos Cultos Afro-Brasileiros do Pará, da Federação Paraense da Umbanda Cristã e de casas não filiadas a essas instituições religiosas.

Acompanham essas coleções, além dos diários das pesquisas de campo, expressivo e vulgoso material audio-visual, constante de negativos e dia-positivos em preto e branco e cor, além de tapes e cassetes de gravação.

Peças dessas coleções foram expostas em exposições temporárias promovidas pela Universidade Federal do Pará e pelo Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém e no Exterior, elaborando-se em cada uma delas os competentes catálogos.

Quanto à Coleção Africana do Museu Paraense Emílio Goeldi, a mesma é constituída por 592 peças produzidas por grupos que habitavam locais nas atuais República da Guiné-Bissau; República Democrática do Sudão; República do Zaire; República do Zimbábue; República Gabonesa; República Popular de Angola e República Popular do Congo (MAPA¹ e ANEXO 1). A coleta dessas peças foi feita no período de 1887 a 1904, desconhecendo-se o nome do coletor. Essa coleção foi adquirida de um particular na Ilha da Madeira no começo do século pelo Coronel José Julio de Andrade (político paraense e deputado estadual nas legislaturas de 1904-1907 e 1908-1911) e por ele ofertada no ano de 1933 ao então Interventor Federal do Estado do Pará, Major Joaquim de Magalhães Cardoso Barata, que posteriormente a doou ao Museu Paraense.

A esse tempo, o Museu Paraense era dirigido pelo Dr. Carlos Estevão de Oliveira, não possuindo em seus quadros de pesquisa, cientista social com conhecimento sobre a Etnologia da África. Assim, a coleção foi recebida, tombada com os dados que acompanhavam a mesma e depositada na Reserva Técnica de Antropologia, para que alguém no futuro a estudasse.

À simples leitura do Livro de Tombo (a coleção está tombada sob os ns. 6393 a 6985), é fácil constatar-se que essa coleta não foi feita por profissional em Etnologia, pois da mesma, como em outras recolhidas por amadores ou por leigos, objetos os mais variados constam desse acervo, tais como artefatos utilizados na caça e na pesca, armas de todos os tipos, como espadas e pequenas facas, bem como arcos, flechas e lanças, incluindo igualmente numerosas esculturas em madeira (estatuetas, fetiches e máscaras), objetos utilizados em cerimônias religiosas, instrumentos musicais, panaria, cestaria e outros objetos, selecionados provavelmente segundo um critério estético, exótico e não etnológico.

Falta a essa coleção a homogeneidade requerida na coleta de campo realizada por profissional, ou seja, cientificamente, pois a mesma não é sistemática, isto é, não é feita em função de um estudo global da cultura de cada grupo representado nesse acervo.

A ausência de equilíbrio é patente, pois algumas categorias como armas e objetos cerimoniais — que exercem sempre fascínio sobre o coletor — aparecem excessivamente, em detrimento dos objetos vulgares, simples, de uso diário, como se pode ver no ANEXO II.

Como as peças não tivessem nenhuma indicação de sua procedência, foi essa coleção primeiramente analisada, classificada e muitas de suas peças desenhadas pelo Prof. Dr. Peter Paul Hilbert, no período de 1949-1950, então pesquisador do Museu Paraense Emílio Goeldi, e que era o único cientista social, naquela época em Belém, que tinha experiência com material etnográfico oriundo da África. Uma pequena mostra dessa coleção, ao tempo em que foi Diretor do Museu o Prof. Innocência Machado Coelho, foi montada no Pavilhão de Exposição, como mapas e desenhos ilustrativos, feitos pelo mesmo pesquisador, e anos depois, em 1961, o Dr. Hilbert escreveu pequeno catálogo que constou da Exposição desse material promovida

pela Associação Brasileira de Antropologia, por ocasião de sua V Reunião, realizada em Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais (Hilbert [1961]).

Posteriormente, por três vezes, exposições com esse material foram montadas no Museu Goeldi e em 1985/86 a coleção foi objeto de Projeto de Pesquisa desenvolvida pelo autor e pela Museóloga Ivelise de Souza Rodrigues, Assistente de Pesquisa do MPEG, na programação do Departamento de Museologia daquele Instituto de Pesquisa (Figueiredo & Rodrigues [1987]).

As dificuldades encontradas no estudo da citada coleção começaram a partir da identificação das citadas peças, pois não tínhamos os diários de campo, das viagens realizadas na África, quando as mesmas foram coletadas e o registro de tombamento desse material etnográfico pouco ou nada esclarecia quanto ao grupo que as havia produzido. Apenas as informações constantes de um pequeno fichário, organizado pelo Dr. Hilbert, nos deram algumas orientações sobre a procedência desse material, que serviram como ponto de partida para essa identificação, feita à base de comparações com peças similares, constantes de ilustrações na bibliografia compulsada.

A outra dificuldade ocorreu quanto ao modo de estruturar o arranjo ordenado desses produtos ergológicos, onde tendo como ponto de apoio a classificação proposta por Murdock et alii [1954], grupamos esses artefatos nas seguintes categorias: esculturas, objetos cerimoniais, tecelagem, cestaria, armaria e objetos diversos.

Finalmente, o problema quanto ao estabelecimento de uma tipologia para os diversos exemplares de artefatos representados nessa coleção, onde, partindo das tipologias propostas por Montandon [1934] e Barroso [1953] criamos modelos capazes de servir de suporte para descrição das diversas categorias de objetos.

De seu tombamento até nossos dias, desapareceram 98 peças, por motivos os mais variados, e os exemplares mais significativos da mesma estão apresentados no anexo III.

As coleções etnográficas, relegadas até pouco tempo a uma posição inferior nos estudos antropológicos, começam novamente a serem objetos de estudo por parte dos etnólogos, pois, na análise comparativa dos artefatos produzidos por grupos humanos de culturas diferentes, emergirão fatalmente na diversidade das soluções encontradas pelos mesmos, para dirimir seus problemas, os denominadores comuns em seus relacionamentos com a natureza e com os integrantes de seu próprio grupo social.

Os povos subjugados e vencidos, como foram as populações produtoras das diversas culturas e que sucumbiram tragadas violentamente pela voragem destruidora da colonização européia na África, não possuem memória nem história; estas são elaboradas pelos escribas oficiais dos opressores e trazem sempre em seus informes a manutenção da ordem social vigente no seu tempo e na sua época.

O estudo do material que ora apresentamos, do material coletado nos experimentos religiosos dos cultos afro-brasileiros com ocorrência em Belém e da Coleção Etnográfica Africana do Museu Paraense Emílio Goeldi, é uma contribuição ao resgate e à reconstituição dessa memória africana, existentes na Amazônia.

MAPA 1 - Grupos culturais representados na coleção José Julio de Andrade, do MPEG, e suas localizações nas atuais unidades políticas africanas.



- 1 - República da Guiné Bissau
Mandingo
- 2 - República Democrática do Sudão
Lendu
- 3 - República do Zaire
Azande
Bacuso
Bahuana
Bakuba
Baluba
Bangala
Bapoto
Basonge
Batschokwe
Bayaka
Bayanzi
Benakanioka
Mangbetu
Ngbandi
Sanga
- 4 - República do Zimbábue
Barotse
Mashona
- 5 - República Gabonesa
Fang
- 6 - República Popular da Angola
Bamlunda
Basundi
Bawoyo
Ganguela
Ovambo
- 7 - República Popular do Congo
Bakongo
Basonge

Grupos africanos produtores de equipamento ergológico representado na coleção José Julio de Andrade do Museu Paraense Emílio Goeldi.

- AZANDE, localizados no rio Ubangi, República do Zaire. Nigrítico de Leste - Grupo Equatorial.
- BACUSO (BATETELA), localizados no rio Lomani, República do Zaire. Bantu Equatorial - Província Mongo - Grupo Kuso
- BAHUANA, localizados no rio Kasai, República do Zaire. Bantu Central - Grupo Kwango
- BAKONGO, localizados na Costa do Loango, República Popular do Congo. Bantu Central - Grupo Kongo.
- BAKUBA, localizados no rio Lualaba, República do Zaire. Bantu - Província Luba.
- BAMLUNDA, localizados na região Lunda, República Popular de Angola. Bantu Equatorial - Província Luba - Grupo Lunda
- BANGALA, localizados no rio Ubangi, República do Zaire. Bantu Equatorial : Grupo Kimbundo - Mbangala.
- BAPOTO, localizados no rio Mongala, República do Zaire. Bantu Equatorial - Grupo Poto.
- BASONGE, localizados no rio Lomani, República do Zaire. Bantu - Província Luba.
- BASUNDI, localizados na região de Cabinda, República Popular de Angola. Bantu Central - Grupo Kongo.
- BATSCHOKWE (KIOKO, BAJOKWE, TYIVOKWE, BATSHIOKO), localizados no rio Kasai. Bantu Central - Grupo Lunda.
- BAYAKA, localizados no rio Kwango, República do Zaire. Bantu Central e Equatorial - Grupo Kasai.
- BAYANZI, localizados no rio Kasai, República do Zaire. Bantu Central - Grupo Kasai.
- BAYOMBE, localizados na costa do Loango, República Popular do Congo. Bantu Central — Grupo Kongo.
- BAWOYO (BAOIO, WOYO, KABINDA, BAUOIO), localizados na região da Cabinda. República Popular de Angola. Bantu Central - Grupo Kakongo.
- BENAKANIOKA, localizados no rio Sankuru, República do Zaire, Bantu - Província Luba.
- FANG, localizados no rio Ivindo, República Gabonesa. Bantu Equatorial - Grupo Fang.
- GANGUELA, localizados no rio Cubango, República Popular de Angola. Bantu Central - Província Lunda.
- LENDU, localizados ao sul da República Democrática do Sudão, Sudanês Central - Grupo Madi.
- MANDINGO, localizados na região norte da República da Guiné-Bissau. Sudanês Central - Província Nuclear Mande - Grupo Malinke.
- MANGBETU, localizados no rio Uele, República do Zaire. Sudanês Central - Grupo Mangbetu.
- MASHONA, localizados no rio Zambese, República do Zimbábue. Bantu do Sudoeste - Grupo Shona.
- NGBANDI, localizados no rio Mongala, República do Zaire. Nigrítico de Leste - Grupo Equatorial.
- OVAMBO (AMBO), localizados no rio Cunene, República Popular de Angola. Bantu do Sudoeste.
- e SANGA, localizados no rio Ubangi, República do Zaire. Bantu Equatorial - Grupo Sanga.

Representação quantitativa por categoria de artefatos feitos pelos grupos africanos que integram a coleção José Julio de Andrade do Museu Paraense Emílio Goeldi

	Escultura	Obj.Cerimon.	Tecelagem	Cestaria	Armaria	Obj. Diversos
AZANDE	-	-	-	-	35	-
BACUSO	-	-	-	-	1	-
BAHUANA	-	4	22	-	23	-
BAKONGO	12	3	-	-	-	-
BAKUBA	-	1	-	-	-	12
BALUBA	-	-	-	-	4	1
BAMLUNDA	-	10	-	-	-	-
BANGALA	-	5	1	-	2	-
BAPOTO	-	-	-	-	1	-
BAROTSE	-	1	-	15	9	3
BASONGE	1	-	-	-	28	-
BASUNDI	-	-	-	-	-	1
BATSHOKWE	-	1	-	-	-	-
BAYAKA	1	3	-	-	3	1
BAYANZI	-	-	-	-	4	-
BAYOMBE	2	-	-	-	-	-
BAWOYO	-	-	16	-	-	1
BENAKANIOKA	1	-	-	-	-	-
FANG	-	-	-	-	1	-
GANGUELA	-	-	-	-	5	-
LENDU	-	-	-	-	4	-
MANDINGO	-	-	-	-	2	1
MANGBETU	-	1	-	-	187	7
MASHONA	-	-	-	-	1	-
NGBANDI	-	-	-	-	18	-
OVAMBO	-	-	-	-	-	9
SANGA	-	-	-	-	6	-
NÃO IDENTIFICADO	1	5	-	-	1	5

Principais peças da coleção africana do Museu Paraense Emílio Goeldi e suas descrições

Figura 1

Tombo 6426
Estatueta Antropomorfa

Grupo: Bayombe

Localização: Costa do Loango, República Popular do Congo

Descrição: Estatueta antropomorfa esculpida em madeira medindo 25,5 cm de altura. Figura sentada sobre um pedestal de madeira, com as pernas flexionadas, tendo o braço direito segurando a perna esquerda e o esquerdo, apoiado no queixo, com o cotovelo no joelho da perna esquerda. No corpo, representações de escarificações ovoidais em ambos os lados das costas. Na face, sulcos que definem os olhos (de vidro), o nariz, as orelhas e a boca (aberta, mostrando os dentes). Na cabeça, um barrete com desenhos geométricos e pontilhados, com uma perfuração central.



Fig. 1

Figura 2

Tombo 6425

Estatueta Antropomorfa

Grupo: Bakongr

Localização: Costa do Loango, República Popular do Congo

Descrição: Estatueta antropomorfa esculpida em madeira medindo 35 cm de altura. Figura ajoelhada (mãe e filha) sobre um pedestal de madeira, com o braço esquerdo pousado sobre uma panela e o direito segurando o filho sentado na perna direita. No corpo, representações de escarificações ovoidais, nas costas, no lado direito do tórax e na omoplata direita. Tanga com a parte posterior maior e em franja. Nas faces de ambas as figuras, sulcos que definem os olhos da mãe (em vidro) e os do filho, bem como o nariz. Boca do filho fechada e a da mãe, aberta (mostrando os dentes). De um lado a outro da testa, uma fila de tachas de bronze. Na cabeça, uma mitra honorífica.

A peça apresenta rachaduras no corpo, na cabeça e no pé.

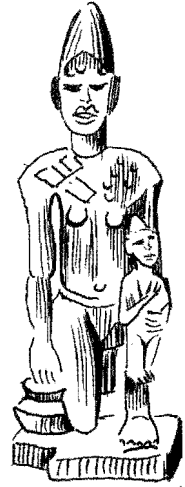


Fig. 2



Fig. 3

Figura 3

Tombo 6434

Fetichismo Antropomorfo em madeira

Grupo: Bakongo

Localização: Costa do Loango, República Popular do Congo

Descrição: Fetichismo antropomorfo esculpido em madeira medindo 69 cm de altura. Figura em pé sobre um pedestal de madeira. Braços colados no baixo ventre. Corpo todo ele pintado em preto e cravado com pregos e lâminas de ferro, tendo na frente e nas costas, caixas onde são colocadas a substância mágica, ngli-ngli. Na face, sulcos definem os olhos (pintados em preto e branco), o nariz, as orelhas e a boca (aberta, mostrando os dentes, pintados em branco). Os lábios, pintados em vermelho.

Figura 4

Tombo 6431

Fetichismo Zoomorfo em madeira

Grupo: Bakongo

Localização: Costa do Loango, República Popular do Congo

Descrição: Fetichismo zoomorfo esculpido em madeira, recoberto com barro, medindo 35,5 cm de comprimento. No corpo, pintado em vermelho, duas caixas contendo o ngli-ngli, substância mágica, colocadas, uma no ventre e a outra no dorso. O focinho, pintado em branco e preto. Sulcos definem as orelhas. Os olhos, de vidro e a boca (aberta) mostrando os dentes e a língua, tendo dentro da mesma, dois tubos de madeira e massa de barro. No pescoço, um colar de fios de ferro com um sino também em ferro.

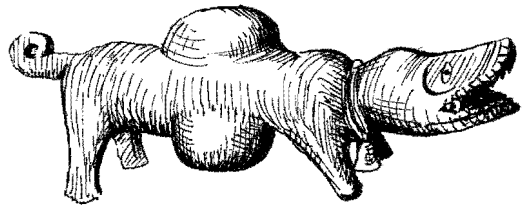


Fig. 4

Figura 5

Tombo 6436

Máscara em madeira

Grupo: Bakongo

Localização: Costa do Loango. República Popular do Congo

Descrição: Máscara de rosto esculpida em madeira medindo 29 cm de altura. A face, pintada de branco. Sulcos definem os olhos (vazados), o nariz, as orelhas e a boca (aberta e vazada) mostrando os dentes. Pescoço com incisões lineares em relevo pintadas em vermelho.



Fig. 5



Fig. 6

Figura 6

Tombo 6435

Máscara em madeira

Grupo: Bakongo

Localização: Costa do Loango. República Popular do Congo

Descrição: Máscara de rosto esculpida em madeira, medindo 26 cm de altura. A face, pintada de branco. Sulcos definem os olhos (vazados), o nariz, as orelhas e a boca (aberta) igualmente vazada. Cabelo pintado em marrom. Pescoço com listras brancas e marrons.

A peça apresenta rachadura.

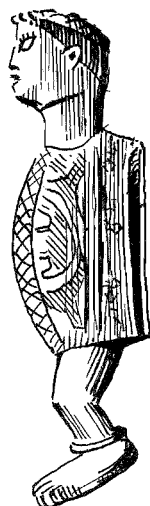


Fig. 7

Figura 7

Tombo 6422

Idiofone de percussão antropomorfo

Grupo: Bayaka

Localização: Rio Kwango. República do Zaire

Descrição: Idiofone de percussão (antropomorfo, unípede), monóxilo, medindo 35,5 cm de comprimento e 10,5 cm de diâmetro. Corpo de forma arredondada, com caixa de ressonância cavada na parte dorsal, com desenhos antropomorfos e zoomorfos pirogravados nas laterais. Na parte frontal, desenhos geométricos também pirogravados. As extremidades, formadas de um lado por uma cabeça com olhos de vidro, com cabelos pirogravados e sobrancelhas pintadas em preto e outro lado, por uma perna, com o pé pintado em preto e os dedos pirogravados.

Figura 8

Tombo 6461

Membranofone com dois timpanos

Grupo: Bakongo

Localização: Costa do Loango. República Popular do Congo

Descrição: Membranofone com dois timpanos (tambor de duas bocas) medindo 27 cm de comprimento e 17 cm de diâmetro. Cilindro oco de madeira, com pintura em vermelho e preto. Na parte central, três gomos e nas laterais, desenhos lineares, zoomorfos (animais), de inspiração vegetal (flores), duas cruzes e a inscrição ARICKA MATADI. As extremidades cobertas com couro (pele) e presas entre si por fios de couro.



Fig. 8

Figura 9

Tombo 6462

Idiofone de madeira e ferro (Quissanje)

Grupo: Bangela

Localização: Rio Ubangi. República do Zaire

Descrição: Idiofone de madeira e ferro (Quissanje) medindo 26 cm de comprimento, 13,5 cm de largura e 3 cm de espessura. Caixa de ressonância em madeira, de forma retangular, com dois orifícios (ouvidos): um no fundo e outro na parte frontal da peça. A face lateral da caixa de ressonância é fechada por uma lâmina de madeira embutida na mesma. O suporte de fio de ferro, colocado em toda a largura, é preso à peça por fios de fibra vegetal que sustentam as doze lamelas e o cavalete de ferro. Esta peça é também chamada de piano portátil.

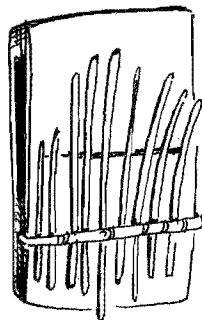


Fig. 9

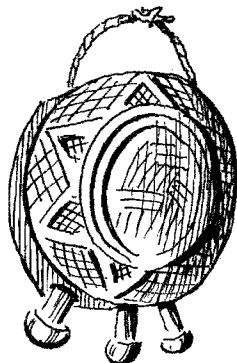


Fig. 10

Figura 10

Tombo 6501

Idiofone (Chocalho)

Grupo: Bakuba

Localização: Rio Sankuru. República do Zaire.

Descrição: Idiofone (chocalho) monóxilo, medindo 10 cm de comprimento, 9,5 de largura e 6,5 de espessura, de forma circular. O chocalho é dividido em duas faces, separadas por uma faixa circular. Numa das faces, desenhos geométricos, hachurados-zonados; na outra, desenhos geométricos e no centro de ambas as faces, desenhos lineares. Na parte inferior da caixa de ressonância, perfurações onde estão inseridos três badalos de madeira, presos à peça por fios de fibra vegetal, formando a alça que passa por dois orifícios na parte superior do instrumento.

Figura 11

Cesta Cilíndrica

Grupo: Barotse

Localização: Rio Zambese. República do Zimbábue

Descrição: Cesta cilíndrica, com trançado duplo, de fibra vegetal, com tampa, medindo 17,5 cm de altura, 16 cm de largura máxima; 14,7 cm de diâmetro externo da boca e 15,5 cm de diâmetro de base. Corpo com trançado quadricular cruzado de tala e palha, na parte interna, arrematado nas extremidades da boca e base. Na parte externa, cobertura com trançado cruzado arqueado, de duas cores (preto e amarelo claro) formando desenhos losangulares. Os arremates em forma de trança, feitos com talas negras, são costurados na base e na parte superior, formando o apoio da tampa. A base de forma circular, é feita em disco de madeira, preso ao corpo através de quatro perfurações fixado com talas de fibra vegetal.

A tampa, com a mesma técnica do trançado duplo do corpo, forma desenhos lineares. Os arremates do trançado são feitos de tranças negras costuradas nas extremidades da aba. No fundo da tampa, disco de madeira, preso ao trançado através de perfurações e fixado com fibra vegetal.

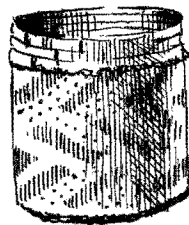
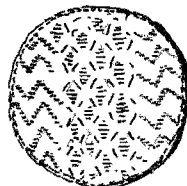


Fig. 11

Figura 12

Copo em madeira

Grupo: Bakuba

Localização: Rio Sankuru, República do Zaire

Descrição: Copo em madeira medindo 18,5 cm de altura, 6 cm. de diâmetro externo de boca, 14,5 cm. de largura máxima e 6,5 cm. de diâmetro de base. Corpo com desenhos geométricos e pontilhados em relevo; nas extremidades, desenhos lineares. Alças diametralmente opostas com esculturas antropomorfas (cabeças). Base em forma de carretel tendo na parte central seis ressaltos.

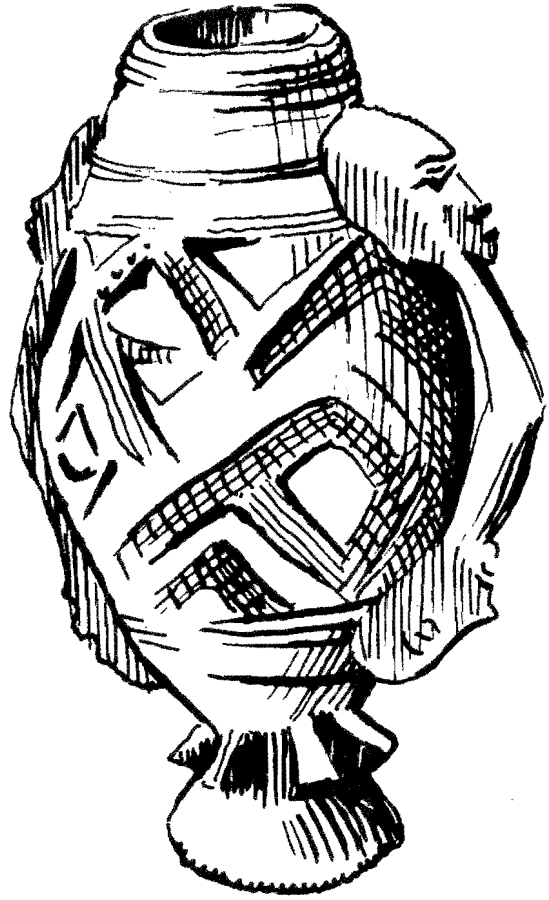


Fig. 12



Fig. 13

Figura 13

Tombo 6556

Bastão Cerimonial

Grupo: Bamlunda

Localização: Região Lunda, República Popular de Angola

Descrição: Bastão cerimonial em madeira, medindo 36 cm de comprimento. Haste de forma retangular. Topo antropomorfo (figura humana) com os braços flexionados sobre os ombros. Cabelos, sobrancelhas e bigodes representados por incisões lineares.

Figura 14

Polvarinho

Grupo: Basundi

Localização: Região de Cabinda. República Popular de Angola

Descrição: Polvarinho em madeira com tampa, medindo 14,5 cm de altura, 9 cm de largura máxima, 4 cm de diâmetro de base. Corpo ovoidal dividido em duas faces, separadas por duas faixas que têm na parte superior dois ressaltos. As faces possuem desenhos hachurados zonados, intercalados por faixas curvas em relevo. Base circular e tampa com os mesmos motivos ornamentais do corpo.

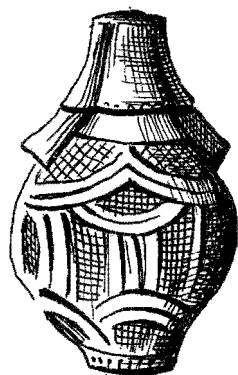


Fig. 14

Figura 15

Tombo 6552

Bastão cerimonial

Grupo: Bamunda

Localização: Região Lunda. República Popular de Angola

Descrição: Bastão cerimonial em madeira medindo 57,5 cm de comprimento. Haste de forma cilíndrica, com desenhos incisos geométricos junto ao topo. Topo antropomorfo (cabeça) com cabelo representado por incisões lineares. A peça apresenta rachadura.

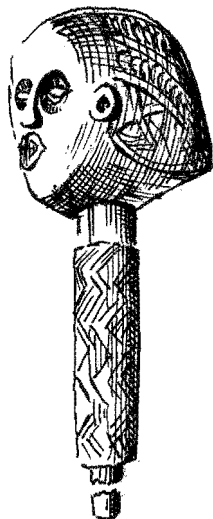


Fig. 15

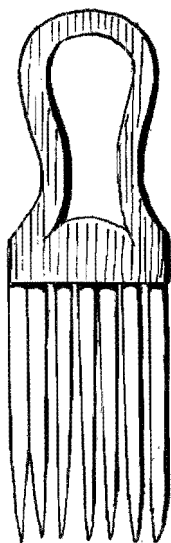


Fig. 16

Figura 16

Tombo 6513

Pente em madeira

Grupo: Bakuba

Localização: Rio Sankuru. República do Zaire

Descrição: Pente monóxilo medindo 22 cm de comprimento e 6,5 cm de largura. Barra de madeira vazada e dentes em número de oito.

Figura 17

Tombo 6514

Pente em bambu

Grupo: Bakuba

Localização: Rio Sankuru, República do Zaire

Descrição: Pente em bambu e fios de algodão, medindo 19,5 cm de comprimento e 8 cm de largura. Narra feita com trançado de fios de algodão onde estão presos os dentes em número de doze. Alça de fios de algodão trançado.

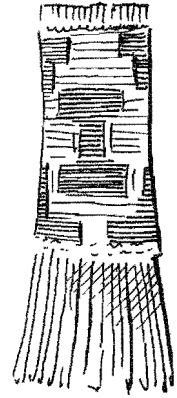


Fig. 17

Figura 18

Tombo 6499

Cachimbo em madeira

Grupo: Bakuba

Localização: Rio Sankuru, República do Zaire

Descrição: Cachimbo em madeira medindo 51 cm de comprimento. Tubo também em madeira, tendo na parte central desenhos geométricos e uma figura zoomorfa (antílope) esculpida na parte superior. O tubo transfixa o forninho, igualmente em madeira, de forma cônica, com desenhos geométricos na extremidade e incisões lineares na parte central.



Fig. 18

Figura 19

Tombo 6672

Espada em Ferro

Grupo: Lendu

Localização: Região Sul, República Democrática do Sudão

Descrição: Espada curta em ferro medindo 42 cm de comprimento. Punho talhado em dente de hipopótamo medindo 9 cm, com incisões de forma geométrica em uma das faces. Lâmina martelada, repuxada, com calha simples, sem decoração, medindo 33 cm de comprimento, com 30 mm de largura máxima. Ponta aguçada. Bainha talhada em madeira com incisões lineares em uma das faces e presa nas extremidades por fios de fibra vegetal, com ressalto vazado para ser presa ao cinturão.

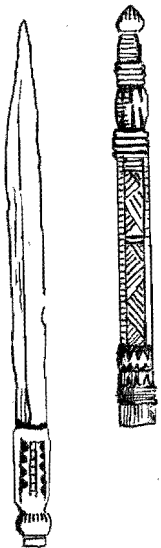


Fig. 19

Figura 20

Tombo 6671

Espada em Ferro

Grupo: Bahua a

Localização: Rio Kasai, República do Zaire

Descrição: Espada curta em ferro medindo 49 cm de comprimento. Punho talhado em madeira medindo 17 cm, tendo na parte central esfera com gomos semilunares no sentido vertical e um círculo denteado em cobre; na parte superior, bastão cilíndrico de ferro, de ponta aguçada, embutido na extremidade do punho e na parte inferior, recoberta com couro, fios e tachas de cobre em uma das faces. Lâmina martelada, repuxada, com calha com incisões lineares em semicírculo feitas a cinzel, medindo 32 cm de comprimento com 66 mm de largura máxima. Ponta aguçada. Bainha talhada em madeira chapeada, recoberta com couro e apresentando tachas de cobre, formando desenhos geométricos, com dois ressaltos transversais em uma das faces e costurada com fibra vegetal. Parte inferior da bainha de forma circular.

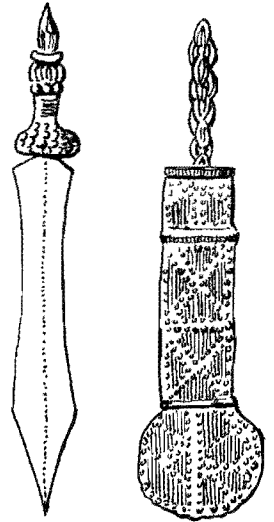


Fig. 20

Figura 21

Tombo 6680

Espada em Ferro

Grupo: Azande

Localização: Rio Ubangui, República do Zaire

Descrição: Espada curta em ferro medindo 47 cm de comprimento. Punho e maçã talhados em madeira, medindo 17 cm tendo na extremidade da maçã, dois pedaços de porcelana branca cravados na madeira. Lâmina martelada, repuxada, com calha simples, em relevo, medindo 30 cm de comprimento com 85 cm de largura máxima, com quatro gomos cavados e incisões laterais junto ao punho. Ponta arredondada.



Fig. 21

Figura 22

Tombo 6725

Faca em Ferro

Grupo: Basonge

Localização: Rio Lomani, República do Zaire

Descrição: Faca em ferro medindo 29,5 cm de comprimento. Punho talhado em madeira medindo 9,5 cm com desenhos geométricos em uma das faces, feitos na própria peça. Lâmina martelada, repuxada, com calha em relevo medindo 20 cm de comprimento com 31 mm de largura máxima. Ponta aguçada. Bainha de madeira com desenhos geométricos em uma das faces feitos na própria peça, medindo 22 cm de comprimento tendo na parte posterior, alça para fixação ao cinto, e a inferior, de forma semilunar.

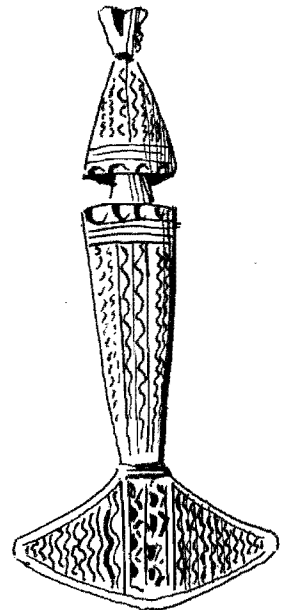


Fig. 22

Figura 23

Tombo 6696

Faca em Ferro

Grupo: Fang

Localização: Rio Ivindo, República Gabonesa

Descrição: Faca de arremesso em ferro medindo 33 cm de comprimento. Punho (partido) talhado em madeira e ferro; maçã feita de ferro, de forma cônica, presa à empunhadura por chapas de bronze; na parte superior, fios de bronze trançados. Lâmina martelada, repuxada, de forma irregular, com calha com incisões lineares em relevo em uma das faces, medindo 20 cm de comprimento com 370 mm de largura máxima; na parte inferior, bico totalmente coberto com fios de cobre trançados, e na superior, de forma semilunar, triângulo vaso com incisões ponteadas em uma das faces. Dorso circundado por incisões ponteadas em uma das faces, todas feitas a cinzel. Ponta aguçada.

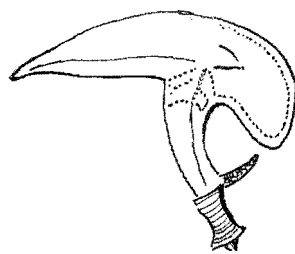


Fig. 23

Figura 24

Tombo 6640

Punhal em Ferro

Grupo: Mangbetu

Localização: Rio Uele, República do Zaire

Descrição: Punhal em ferro medindo 26 cm de comprimento. Punho talhado em madeira medindo 10,5 cm recoberto com fios de cobre. Lâmina de forma irregular, martelada, repuxada, com calha em segmentos vasos e perfurados, com desenhos lineares feitos a cinzel, com dois cravos de cobre na extremidade vazada, medindo 25,5 cm de comprimento, com 90 mm de largura máxima. Ponta em triângulo isósceles.

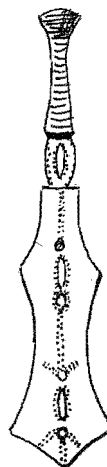


Fig. 24

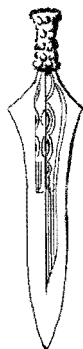


Figura 25

Tombo 6609

Punhal em Ferro

Grupo: Basonge

Localização: Rio Lomani, República do Zaire

Descrição: Punhal em ferro medindo 40 cm de comprimento. Punho talhado em madeira medindo 7 cm recoberto totalmente com tachas de bronze. Lâmina martelada, repuxada, medindo 33 cm de comprimento com 90 mm de largura máxima, com incisões lineares e em semicírculo, feitas a cinzel. Ponta aguçada.

Fig. 25



Fig. 26

Figura 26

Tombo 6683

Espada em Ferro

Grupo: Azande

Localização: Rio Ubangi, República do Zaire

Descrição: Espada curva em ferro medindo 54 cm de comprimento. Punho talhado em madeira medindo 9 cm recoberto com chapas de ferro. Lâmina martelada, repuxada, com calha simples em relevo, medindo 45 cm de comprimento com 76 mm de largura máxima, tendo na parte superior da mesma, seis bicos circulares sem gume, sendo dois não fechados. Ponta aguçada.

Figura 27

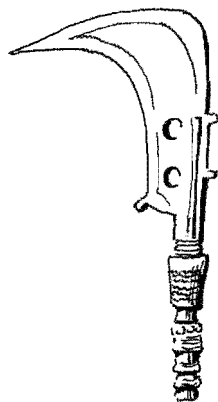


Fig. 27

Tombo 6691

Faca em Ferro

Grupo: Mangbetu

Localização: Rio Uele, República do Zaire

Descrição: Faca cerimonial curva, em ferro, medindo 39 cm de comprimento. Punho talhado em madeira medindo 15,5 cm com segmento cavado na empunhadura. Lâmina martelada, repuxada, de forma irregular, com calha em relevo, medindo 23,5 cm de comprimento com 95 mm de largura máxima, com desenhos lineares feitos a cinzel. Na parte superior, dois orifícios, três bicos arredondados não pontiagudos e incisões lineares junto ao punho. Ponta aguçada. Os orifícios na lâmina significam a marca do proprietário ou indicam a posição de classe militar. No conselho, serve como emblema de autoridade.

Figura 28

Tombo 6698

Espada em Ferro

Grupo: Ngbandi

Localização: Rio Mongala

Descrição: Espada em ferro medindo 59 cm de comprimento. Punho talhado em madeira medindo 18 cm com maçã dupla e pino recoberto por tachas de bronze. Lâmina martelada, repuxada, de forma irregular, com calha com incisões lineares, medindo 41 cm de comprimento com 97 mm de largura máxima, dividida em duas seções: a superior com quatro bicos pontiagudos com segmentos de incisões lineares em uma das faces e a outra, lisa, também com linhas incisas contornando o gume em uma das faces; na outra, quatro gomos cavados. A parte inferior, de forma semilunar (partida no sentido longitudinal) contornada por incisões lineares no dorso, feitas a cinzel. Ponta arredondada.

O chefe do grupo conduz a espada consigo em caso de visita. Antigamente servia como espada de execução de escravos em honra aos reis.

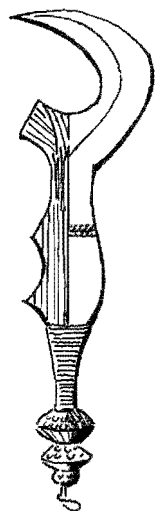


Fig. 28

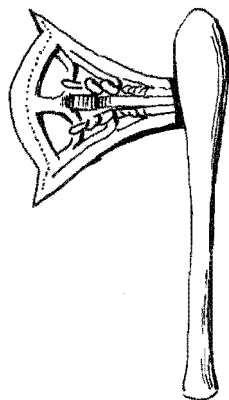


Fig. 29

Figura 29

Tombo 6705

Machado em Ferro

Grupo: Basonge

Localização: Rio Lomani, República do Zaire

Descrição: Machado cerimonial em ferro medindo 40,5 cm de comprimento. Haste de madeira totalmente recoberta com placas de cobre, fixadas com pregos do mesmo metal. Lâmina martelada, repuxada, com dois bicos, medindo 23,5 cm de comprimento, com 250 mm de largura máxima. Corpo vazado com cinco segmentos, sendo os três centrais com figuras antropomorfas esculpidas na parte medida, com extremidades de forma helicoidal e as superiores (duas) com laços que ligam os dois arcos vazados e unidos à lâmina; dois laterais cilíndricos, sem decoração, todos eles embutidos no encaixe, onde um é transfixante. Na lâmina, incisões ponteadas circundam o corpo e cada face dos bicos feitas a cinzel.

Figura 30

Tombo 6707

Machado em Cobre

Grupo: Basonge

Localização: Rio Loma.i. República do Zaire

Descrição: Machado em cobre medindo 40,5 cm de comprimento. Haste de madeira totalmente recoberta com placas de cobre, fixadas com pregos do mesmo metal. Lâmina martelada, repuxada, com dois bicos, medindo 18 cm de comprimento com 166 mm de largura máxima. No corpo da lâmina, cinco furos cruciformes, incisados em círculos e ponteados, tendo na extremidade inferior, incisões ponteadas circundando o corpo e cada face dos bicos, feitas a cinzel.

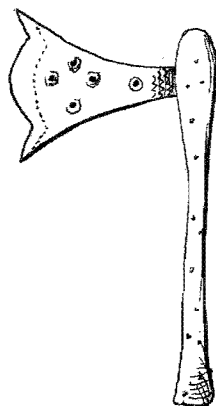


Fig. 30

Figura 31

Tombo 6687

Espada em Ferro

Grupo: Azande

Localização: Rio Ubangi. República do Zaire

Descrição: Espada curva em ferro medindo 78,5 cm de comprimento. Punho talhado em madeira medindo 9 cm recoberto com chapas de bronze na empunhadura e tachas no mesmo metal na maçã (partida). Lâmina martelada, repuxada, de forma irregular, com calha simples, cavada em três gomos, medindo 69,5 cm de comprimento, com 54 mm de largura máxima. Na parte superior da lâmina, bico semilunar com quatro gomos salientes incisados, bem como, junto ao punho, furo e incisões lineares inter cruzadas nas pontas em uma das faces; e na outra, pequenas incisões, todas feitas a cinzel. Ponta em ângulo reto.



Fig. 31

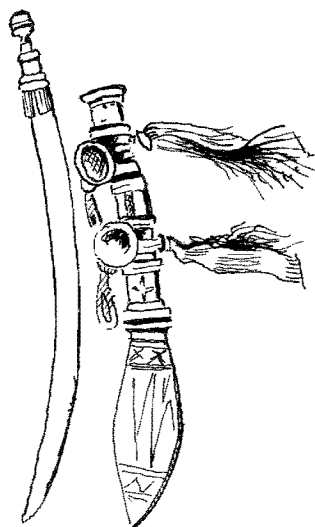


Fig. 32

Figura 32

Tombo 6773

Espada em Ferro

Grupo: Mandingo

Localização: Região Norte. República da Guiné Bissau

Descrição: Espada em ferro medindo 84 cm de comprimento. Punho medindo 14 cm com enrolamento de pano grosso recoberto por pano fino e por cima deste, couro costurado, apresentando na parte central, dois gomos em relevo. Pino em bronze, terminado por esfera do mesmo metal com gomos. Lâmina martelada, repuxada, com calha cavada, medindo 70 cm de comprimento com 37 mm de largura máxima. Ponta aguçada. Bainha em couro, medindo 69 cm de comprimento, totalmente coberta por desenhos geométricos pirogravados, onze gomos salientes e intercalados e ponta em forma de chapa espatulada. Engastada entre quatro gomos, dois talins de couro, separados um do outro 16 cm, com a parte superior também em couro trançado em escamas, presos às virolas, por castanhas. A parte inferior da mesma, com franjas largas pirogravadas e fios de couro.



Figura 33

Tombo 6932

Flexa de Caça e Guerra

Grupo: Sanga

Localização: Rio Ubangi. República do Zaire

Descrição: Flecha de caça e guerra medindo 1,18 m de comprimento. Haste de madeira medindo 99 cm. Ponta em ferro, de forma lanceolada, com barbelas, farpeada dupla, medindo 19 cm encaixada à haste. Sem vestígios de emplumação.

Fig. 33



Fig. 34

Figura 34

Tombo 6935

Flexa de Caça e Guerra

Grupo: Mangbetu

Localização: Rio Uele. República do Zaire

Descrição: Flecha de caça e guerra medindo 1,18 m de comprimento. Haste de madeira medindo 99 cm. Ponta em ferro, lanceolada, com barbelas, medindo 19 cm, com incisões lineares na parte central e encaixada à haste. Sem vestígios de emplumação.



Figura 35

Tombo 6886

Flexa de Caça e Guerra

Grupo: Ganguela

Localização: Rio Cubango. República Popular de Angola

Descrição: Flecha de caça e guerra medindo 69,5 cm de comprimento. Haste de madeira medindo 54,1 cm. Vareta de madeira medindo 9,5 cm embutida à haste e reforçada por fios de fibra vegetal. Ponta de ferro, de forma semilunar, medindo 5,9 cm encaixada à haste e reforçada com fios de fibra vegetal. Vestígios de emplumação com restos de penas, apresentando os fios de fibra com resina, que prendem as penas à haste. Entalhe feito na própria haste.

Fig. 35

Figura 36

Tombo 6939

Flexa de Caça e Guerra

Grupo: Mangbetu

Localização: Rio Uele. República do Zaire

Descrição: Flecha de caça e guerra medindo 1,19 m de comprimento. Haste de madeira medindo 99 cm. Ponta em ferro, de forma lanceolada, com barbelas, com incisões lineares profundas, formando desenhos em alto relevo na parte central da mesma, medindo 20 cm e encaixada à haste. Sem vestígios de emplumação.



Fig. 36



Fig. 37

Figura 37

Tombo 6872

Flecha de Caça e Guerra

Grupo: Mangbetu

Localização: Rio Uele, República do Zaire

Descrição: Flecha de caça e guerra medindo 41,5 cm de comprimento. Haste de taquara medindo 34,5 cm. Ponta em ferro (quebrada), de forma lanceolada, medindo 7 cm embutida à haste, com vestígios de reforço. Sem vestígios de plumagem.

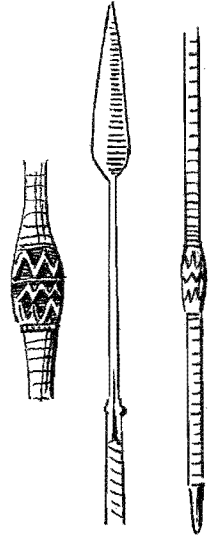


Fig. 38

Figura 38

Tombo 6738

Lança

Grupo: Azande

Localização: Rio Ubangi, República do Zaire

Descrição: Lança de madeira e ferro, medindo 2,21 m de comprimento. Haste de madeira medindo 97 cm com seção circular. Lâmina martelada, repuxada, de forma lanceolada, medindo 48 cm de comprimento com 43 mm de largura máxima, encaixada à haste. Ponta aguçada. Conto de ferro, de forma oitavada, com extremidade pontiaguda, medindo 76 cm de comprimento e encaixada à haste. Decoração: lâmina com calha em relevo, com quatro orifícios, sendo dois de cada lado da mesma. Haste recoberta com chapas de ferro, cobre e bronze, tendo na parte central, ressalto cilíndrico, com incisões geométricas.

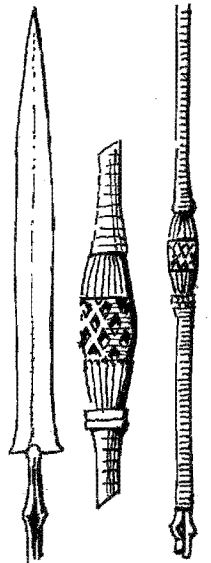


Fig. 39

Figura 39

Tombo 6765

Lança (incompleto)

Grupo: Mangbetu

Localização: Rio Uele, República do Zaire

Descrição: Lança incompleta de madeira e ferro medindo 1,51 m de comprimento. Haste de madeira medindo 62 cm com seção circular. Lâmina de ferro, martelada, repuxada, de forma lanceolada, medindo 83 cm de comprimento com 64 mm de largura máxima, encaixada à haste e reforçada com prego de ferro. Decoração: Lâmina com calha em relevo, com dois bicos, sendo um quebrado. Haste com enrolamento de fios de ferro e cobre, tendo no centro ressalto ovoidal pontiagudo, com incisões lineares. Na extremidade inferior, ressalto de ferro, de forma irregular, com uma fenda lateral, medindo 8 cm e encaixado à haste.

Figura 40

Tombo 6758

Lança

Grupo: Mangbetu

Localização: Rio Uele. República do Zaire

Descrição: Lança de madeira e ferro medindo 1,49 cm de comprimento. Haste de madeira medindo 45,5 cm com seção circular. Lâmina de ferro, martelada, repuxada, de forma lanceolada, medindo 55,5 cm de comprimento com 114 mm de largura máxima, encaixada à haste e reforçada com prego de ferro. Conto de ferro, de forma oitavada, com extremidade pontiaguda medindo 48 cm encaixado à haste. Decoração: Lâmina com incisões lineares em ambas as faces feitas a cinzel. Haste com segmentos de fios de ferro e bronze, junto ao encaixe da lâmina; de chapa de bronze no centro e de chapas de bronze junto ao conto.

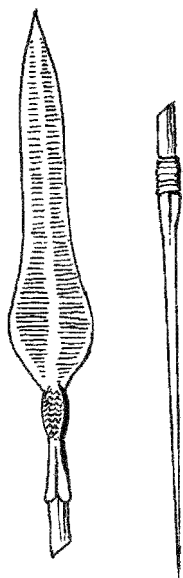


Fig. 40

Figura 41

Tombo 6763

Lança

Grupo: Mangbetu

Localização: Rio Uele. República do Zaire

Descrição: Lança de madeira e ferro medindo 1,84 m de comprimento. Haste de madeira medindo 64 cm de comprimento com seção circular. Lâmina de ferro, martelada, repuxada, de forma lanceolada, medindo 61 cm de comprimento com 113 mm de largura máxima, encaixada à haste e reforçada com prego de ferro. Conto de ferro, de forma oitavada, com extremidade pontiaguda, medindo 59 cm encaixada à haste e reforçada com prego de ferro. Decoração: Lâmina com incisões lineares em ambas as faces feitas a cinzel. Na haste, enrolamento de chapas de ferro e bronze intercalado com tachas de bronze.

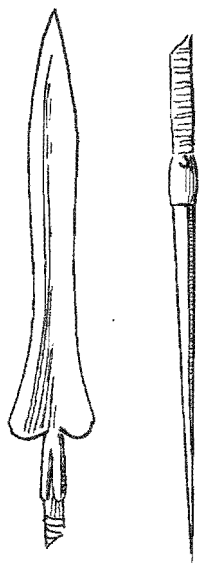


Fig. 41

Figura 42

Tombo 6754

Lança

Grupo: Mangbetu

Localização: Rio Uele. República do Zaire

Descrição: Lança de madeira e ferro medindo 1,51 m de comprimento. Haste de madeira medindo 87 cm com seção circular. Lâmina de ferro, martelada, repuxada, de forma lanceolada, medindo 37 cm de comprimento com 44 mm de largura máxima, encaixada à haste e reforçada com prego de ferro. Ponta arredondada. Conto em forma de chocalho de ferro. Haste sulcada, tendo próximo ao conto ressaltado em forma ovoidal ponteadado e junto ao mesmo desenhos lineares. Próximo ao encaixe e ao conto enrolamento de fios de bronze e desenhos lineares na parte superior do chocalho.

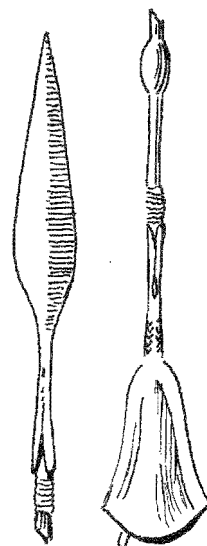


Fig. 42

Notas

- 1 - Comunicação apresentada ao Congresso Internacional da Escravidão, realizado em São Paulo de 07 a 11 de junho de 1988, promovido pelo CNPq/Instituto de História da USP.
- 2 - Mapa de Guilherme Paulo Leite
Desenhista técnico do Museu Paraense Emílio Goeldi CNPq.
- 3 - Descrição das peças feita pela museóloga Ivelise de Souza Rodrigues, Assistente de Pesquisa, lotada no Departamento de Museologia do Museu Paraense Emílio Goeldi CNPq.

Referências

- [1934] MONTANDON, G., *Traité d'ethnologia*. Paris: Payot.
- [1949] PEREIRA, M.N., A introdução do negro na Amazônia. *Boletim Geográfico*, Rio de Janeiro 7 (77).
- [1952] PEREIRA, M.N., Negros escravos na Amazônia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA, 10, Anais... Rio de Janeiro: IBGE. v.3.
- [1953] BARROSO, G., *Introdução à técnica dos museus*. Rio de Janeiro, Museu Histórico Nacional.
- [1954] MURDOCK, G. et al., *Guia para classification de los datos Culturales*. Washington: Union Panamericana (Manuales técnicos, 1).
- [1960] BASTIDE, R., *Les religions africaines ou Brésil vers une sociologie des interpretations de civilizations*. Paris: Press universitaire.
- [1961] HILBERT, P.P. Exposição de arte negra. In: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 5. Belo Horizonte: ABA/MPEG.
- REIS, A.C.F., *O negro na empresa colonial dos portugueses na Amazônia*. Lisboa: Fernandes.
- [1963] DIÉGUES JUNIOR. M., *Etnias e culturas no Brasil*. Rio de Janeiro: Letras e Artes.
- MENDONÇA, M.C. de., *A Amazônia na era pombalina 1751-1759*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.
- [1964] CARNEIRO, E., *Ladinos e crioulos; estudos sobre o negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- [1967] HARRIS, M., *Padrões raciais na América*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- [1968] VERGOLINO E SILVA, A., *Alguns elementos para o estudo do negro na Amazônia*. Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém (2).
- [1969] CARREIRA, A., *As companhias de navegação e comércio e o tráfico de escravos entre a Costa Africana e o Nordeste Brasileiro*. Imprensa Portuguesa.
- VALLADARES, C. do P., A iconografia africana no Brasil. *Revista Brasileira de Cultura*. Rio de Janeiro 1 (1).
- [1970] DIAS, M.N., *Fomento e mercantilismo: a Companhia do Grão-Pará e Maranhão (1755-1778)*. Belém: Universidade Federal do Pará.
- [1971] SALLES, V., *O negro no Pará sob o regime da escravidão*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- VERGOLINO E SILVA, A., O negro no Pará: a notícia histórica. In: *Antologia da Cultura amazônica; antropologia e folclore*. Belém. v.6.
- [1972] RIBEIRO, D., *O processo civilizatório*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- [1974] COPANS, J., Da etnologia à Antropologia. In: *Antropologia: Ciências das sociedades primitivas*. Lisboa.
- DUARTE, A., *Catálogo ilustrado da coleção perseverança*. Maceió: Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas.
- [1976] FIGUEIREDO, N., *Presença Africana na Amazônia*. Salvador: Universidade Federal da Bahia. (Afo-Asia, 12).
- [1979] FIGUEIREDO, N., *Arte Africana*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. Guia da Exposição Temporária.
- [1981] FIGUEIREDO, N., As coleções etnográficas da Universidade Federal do Pará. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*. Macéio (37).

- [1962] DANTAS, B.G., *Papai branco e mamãe negra: os usos e abusos da África no Brasil*. Campinas: Universidade de Campinas (Dissertação de mestrado).
- OLINTO, A., *Coleção de arte africana*. Rio de Janeiro: Riex.
- [1963a] LODY, R., *Coleção arte africana*. Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes.
- [1963b] LODY, R., *Coleção culto afro-brasileiro; um testemunho do xangô Pernambuco*. Recife: Museu do Estado de Pernambuco.
- [1964] FIGUEIREDO, N., A coleção africana do Museu Paraense Emílio Goeldi. *Leitura*, São Paulo 3(30)
- [1965] FIGUEIREDO, N. & I. RODRIGUES, *A criatividade na arte africana*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo. Catálogo de Exposição Temporária.
- [1965a] LODY, R., *Coleção perseverança; um documento do xangô alagoano*. Macéio: Universidade Federal de Alagoas.
- [1965b] LODY, R., *Um documento do candomblé na cidade de Salvador*. Fundação Cultural do Estado da Bahia. (Coleção Culto Afro-Brasileiro).
- [1965] VERGOLINO E SILVA, A., A Amazônia no discurso africanista. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 15. Curitiba.
- [1967] FIGUEIREDO, N & I. RODRIGUES, A Coleção etnográfica africana do Museu Paraense Emílio Goeldi. *Revista de Academia Paraense de Letras*, Belém (28).
- LODY, R., *Coleção afro-brasileira: Museo Théo Brandão*. Rio de Janeiro: FUNARTE. 81p.
- [1968] VERGOLINO HENRY, A. & N. FIGUEIREDO, *A presença africana na Amazônia Ocidental (1733-1807)*. Roteiro analítico de uma documentação inédita.